



UM ESCRUTÍNIO: ESCRITA DA HISTÓRIA, INTERDISCIPLINARIDADE E LUGAR SOCIAL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3724

Rubens de Brito Ferreira Teixeira, UNIMONTES

Resumo

O presente texto nasce da necessidade de esquadrihar teórico e metodologicamente o projeto de pesquisa em nível de Mestrado do autor intitulado *Sepultura: a dinâmica do Thrash Metal na retórica do mundo tecnocrático*. Projetou-se, *a priori*, compreender os modos pelos quais a banda de *thrash metal* brasileira Sepultura constrói um bem cultural. Assim, no decorrer deste empreendimento, buscou-se apreender o uso mais adequado do corpo conceitual, bem como promover um diálogo entre o lugar social e a prática historiográfica. Pretendeu-se com estes pontos, portanto, reavaliar o uso da Interdisciplinaridade na pesquisa histórica em função dos estudos da cultura popular urbana. A execução deste exame encontrou seu sustentáculo nas palavras de Michel de Certeau e de Peter Burke, bem como em análises bibliográficas, qualitativas e na interdisciplinaridade, especialmente na Teoria Social. Tendo em vista o crescente número de pesquisas sobre cultura popular urbana, sobretudo a música, esta breve pesquisa justifica-se pelo fato de que muitas delas apresentam problemas teórico-metodológicos e é necessária uma abordagem mais cautelosa. Apurou-se que os conceitos não são soluções indubitáveis, pelo contrário, os conceitos assim como abordagens, modelos e métodos sempre são falhos e definidos em um espaço-tempo, cabendo ao pesquisador uma utilização plausível destas ferramentas. Não há verdade na História, porém isso não quer dizer que ‘tudo vale’, é preciso um trabalho bem fundamentado, em que as discussões e as dúvidas sobressaiam às certezas e os simplismos. Cabe lembrar que não é o interesse aqui esgotar o assunto, e sim problematiza-lo dentro da proposta.

Palavras Chave:

Historiografia;
Interdisciplinaridade;
Lugar Social; Prática
Historiográfica; Teoria
da História.

Introdução

Este texto surge mediante a uma reflexão teórico-metodológica conforme as avaliações da disciplina de Teoria da História, através da qual as indagações sobre a proposta e a construção do projeto de pesquisa do autor vêm à tona como um assunto que possibilita discussões maiores a respeito da prática historiográfica.

Não obstante, um exercício desta natureza pode permitir ao pesquisador uma autocrítica, em que se arrisca a tomar conhecimento não só do desenvolvimento do aprendizado, mas também da operação histórica, aqui se refere a todo um corpo teórico-metodológico, de abordagens, modelos e conceitos em seus pormenores, que muitas vezes são usados e abusados das formas mais heterogêneas possíveis.

Um dos fatores para que isso continue sendo verificado é justamente a recorrente noção de que a História é uma ciência, no sentido mais literal da expressão, e trabalha com a verdade ou realidade pura. Ainda que com as primeiras críticas ao lugar social do historiador tenham desestabilizado a história positivista e sua verdade, e logo em seguida toda uma desconfiança tomasse conta em função da necessidade de referências, assim, os esforços foram críticos e teóricos. As observações apontaram para a exclusão do mito da neutralidade e sua fidelidade ao conhecimento (CERTEAU, 1995, pp.19-20).

Já ficou evidente, pela vasta literatura, que em cada geração o historiador promove suas investigações conforme sua visão de mundo, pelas ferramentas à disposição, pelas ‘escolas’ historiográficas¹ e pelo caráter da própria academia enquanto instituição não só

produtora de conhecimento, bem como de política.

Neste sentido, entende-se que a ‘história-problema’ ainda pode ser um empreendimento teórico plausível, pois, segundo José Carlos Reis, este aparato mostrou que necessitava de teorias, hipóteses e metodologia, inclusive explicando-as, o que deu ao pesquisador a condição de ‘cientista’ e o mesmo construiria uma narrativa e não mais um pacote de resultados. Por ela foi possível considerar o passado, promover debates e “intersubjetividade”, se afastando da História Tradicional. Uma abordagem interdisciplinar demonstrou-se ser interessante do mesmo modo, já que permitiu o afastamento da Filosofia da História e aproximação das ciências sociais pelo fato de que o homem social era o objeto comum a ser analisado (REIS, 2000, pp.73-75; 81-82).

Em contrapartida, seria negligente pensar que a interdisciplinaridade por si só solucionou os problemas da História ou que as relações das ciências sócias com a História não provocaram problemas consideráveis (REIS, 2000, pp.126-130). Porém uma discussão tão ampla como esta não caberia nestas breves páginas e também não é este o seu propósito.

Peter Burke analisando a fragmentação da Nova História, esta como opositora do paradigma tradicional e da Filosofia da História, argumenta que ela carece de orientação, uma vez que os novos problemas de definição, método, síntese, explicação e fonte – o maior deles – persistem e tem se feito tentativas de respostas, algumas sem muito resultados positivos. Isso por conta de que a História tem caminhado por campos não familiares, o que é ambivalente, pois ao

¹ Para José Carlos Reis, o que diferencia as diversas linhas de saber historiográfico é o método, mais precisamente o modo pelo qual é lido e conduzido. O autor tem como hipótese que o sustentáculo do método histórico é a

representação do tempo histórico, o que leva a diferenciar as escolas e programas históricos. Portanto, a fundamentação de Reis está baseada na opção por um registro e representação da temporalidade e de sua duração e reformulação (REIS, 2000, pp.9-13).

mesmo tempo em que algumas ciências colaboram para o fracionamento a elas se recorre na procura de auxílio, como, por exemplo, o conceito de *habitus* cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu² como possibilidade explicativa no âmbito da cultura popular com um respaldo estrutural (BURKE, 1992, pp.7-37).

Ponderações sobre uma proposta de pesquisa primária

Em 1985, surgiu na capital de Minas Gerais por um grupo de adolescente, os irmãos Max e Igor Cavallera, Jairo e Paulo Jr., o grupo musical Sepultura. Banda, atualmente caracterizada como *thrash metal* e ainda em atividade, que ao longo da carreira produziu várias músicas e discos sob algumas formações diferentes e estilos que não saíam do mundo do *Heavy Metal*. Uma das formações contou com uma reformulação na qualidade da banda, quando a mesma surgiu seus aspectos denotavam baixa qualidade musical, porém, ao passar do tempo e com a entrada do guitarrista Andreas Kisser, passando a ser o principal letrista e compositor, o salto em qualidade ocorre em decorrência de sua experiência com música erudita (KOROLENKO, 2016).

Buscando compreender a produção desse acervo musical enquanto bens culturais, foi proposto pelo autor um projeto de Mestrado que se esforçou para obter todo um mecanismo conceitual, teórico-metodológico e abordagem que fosse suficientemente substancial para conduzir uma boa pesquisa fazendo jus ao nível pretendido. Logo, entende-se que “Todo documento, incluindo os documentos de natureza audiovisual, deve ser analisado a partir de uma crítica sistemática que dê conta de seu

estabelecimento como fonte histórica (...) e do seu conteúdo” (NAPOLITANO, 2008, p.266). Assim, afirma Marcos Napolitano, que

Na perspectiva da moderna prática historiográfica, nenhum documento fala por si mesmo, ainda que as fontes primárias continuem sendo a alma do ofício do historiador. Assim, as fontes audiovisuais e musicas são, como qualquer outro tipo de documentação histórica, portadoras de uma tensão entre evidência e representação (NAPOLITANO, 2008, p.266).

Para o empreendimento foi estabelecido um corpo conceitual organizado na Nova História Cultural, a fim de analisar uma cultura popular, precisamente em Michel de Certeau (CERTEAU, 2005, pp.91-107) através dos conceitos de estratégia e tática e em Roger Chartier (CHARTIER, 1991; 1995; 2002), cujos conceitos de prática, representação e apropriação demonstraram ser de grande ajuda. Adotou-se metodologicamente uma abordagem interdisciplinar com a Sociologia, especialmente em cima dos trabalhos de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2010) e seu conceito de *habitus*, e com a Musicologia, levando em consideração as ideias de José Miguel Wisnik (WISNIK, 2007).

Com a finalidade de analisar esse corpo teórico-metodológico e conceitual, fazem-se imperiosas as palavras de Michel de Certeau em seu texto *A operação histórica*, onde o historiador francês afirma que o fazer histórico é uma prática estabelecida pelas relações entre o lugar social do pesquisador e a atividade ‘científica’, em outras palavras, é um saber-fazer. Esse lugar social por sua constituição influencia o resultado de qualquer trabalho, e é visto de maneira clara na relação ‘grupo-eu-

² Segundo Pierre Bourdieu, o *habitus* constitui-se em um saber dos usos mediante a percepção do mundo social e que são compartilhados socialmente, conscientemente ou não, permitindo criações e práticas sempre circunscritas às relações

conflitantes, uma vez que é um atributo de um agente dotado de um dado capital acumulado que tomando sua posição dentro de um campo pode vir a ser ativo e modificar o próprio campo ou a ele resistir, mas não muda as regras pré-existentes do campo (BOURDIEU, 2010).

instituição', porém, não se resume a ela. O lugar costuma ser dicotômico, se por um lado ele permite apreender determinadas questões, por outro, ele funciona como censura, um ponto cego (CERTEAU, 1995, p.17-27). Constata-se, então, que

O discurso “científico” que não fala de sua relação com o “corpo” social não seria capaz de articular uma prática. (...) Uma situação social muda tanto o modo quanto o tipo do discurso. (...) Da reunião de documentos à redação do livro, a prática histórica é totalmente relativa à estrutura da sociedade (CERTEAU, 1995, p.23; 24; 25).

Se no início pensou-se que os conceitos de Roger Chartier por si seriam suficientes, tem-se na prática, então, o primeiro problema: mesmo que os conceitos de representação, apropriação e prática sejam úteis eles têm lugares e datas específicos, bem como objetos. Por mais que permitam pensar a cultura popular eles demonstram limites, por exemplo, dizem respeito à França e não à América Latina, dizem respeito mais ao mundo camponês que ao urbano e mesmo sobre a música, apesar de serem aplicados sobre o livro – e este também não deixa de ser uma mídia.

Tendo isso em mente, dois pontos novos a este respeito aparecem: o conceito de culturas híbridas e cultura mediada. Em ambos os pontos, ambos os conceitos pertencentes à Teoria Social, chegou-se a eles usando como pontes as ideias de mundo social e relações de poder estabelecidos por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2010), no primeiro caso, e pela necessidade estrutural apontada por Peter Burke (BURKE, 1992, p.34), no

segundo.

O conceito de culturas híbrida foi criado pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini examinando a cultura popular urbana na América Latina levando em consideração as misturas culturais provenientes da colonização³ sem deixar de lembrar a influência da ‘indústria cultural’ sobre as mesmas atualmente (CANCLINI, 2015).

Já o conceito de cultura mediada foi estabelecido pelo sociólogo britânico dos estudos culturais John B. Thompson, cujo trabalho demonstrou-se ser interessante por conceber a mídia como um veículo de comunicação que apesar de ser intenso não é capaz de mudar o caráter de uma cultura (THOMPSON, 1998; 2011).

O interessante nestes dois casos é que eles não fogem ou divergem em relação ao que foi estabelecido inicialmente quando se cogitou os conceitos de Chartier, Certeau e Bourdieu, pelo contrário, todos os cinco possuem pensamentos semelhantes até certo ponto sobre as ‘mídias’, ‘indústria cultural’, relações de poder e cultura popular. Por outro lado, recorreu-se ao filósofo norte-americano Douglas Kellner e seu conceito de cultura da mídia, o conceito é aplicável a qualquer situação ao mesmo tempo em que se demonstrou ser muito limitado ao que vem sendo proposto para o desenvolvimento da pesquisa.

Em um livro que se propõe a estudar alguns elementos que são considerados mídias – filmes, vídeo cliques, música, desenho animado e televisão, em especial o jornalismo – durante as décadas de 1980 e 1990 nos Estados Unidos, sob os governos de Ronald Reagan e George

³ Esse tipo de pensamento, conhecido como Estudos Pós-coloniais, tem se mostrado interessante, segundo Peter Burke, por serem relativamente novas e duas acepções os sustentam: identidade e hibridismo. Com um caráter dinâmico faz relembrar resistência e apontar para uma alternativa à visão Ocidental, todavia, aparentemente é superficial. Essa

tendência se desenvolveu em meio às discussões sobre o que está sendo conhecido como pós-modernidade, uma noção que há muito vem suscitando vários debates e nenhuma definição. No entanto, pode vir a ser útil à medida que permitir pensar o atual estágio da vida sociocultural (BURKE, 2012, pp.159-165; 255-275).

Bush, Kellner empenhou-se em construir uma abordagem pautada no 'multiculturalismo crítico', ou seja, um estudo cultural profundo que seja benéfico à crítica à opressão e dominação. A proposição à primeira vista é cativante, contudo, quando o autor aplicou essa premissa o mesmo não conseguiu ser profundo, ao contrário tornou-se superficial. Cogitando o retorno de certas contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt junto a convicções mais atuais, como pós-modernismo e feminismo, o autor oscila entre o pessimismo adorno quanto à alienação e estandardização sociais efetuados pela 'indústria cultural' e a ambiguidade teleológica e ontológica benjaminiana, se por um lado, as artes podem massificar o indivíduo em todas as esferas sociais, por outro, desde que bem instruído politicamente e conscientemente sobre a natureza e objetivos deste tipo de indústria, o indivíduo pode se levantar e promover uma revolução (KELLNER, 2001).

Ficou notório até aqui a busca e discussão de um conjunto de conceitos adequados ao estudo da música popular urbana, da História e da Teoria Social, expondo, de tal modo, que a Interdisciplinaridade foi utilizada, mas não muito problematizada. E mais dois contratempos têm aparecido: o uso da Musicologia e a própria Interdisciplinaridade.

O trabalho de José Miguel Wisnik (WISNIK, 2010) mostrou ser interessante por ter uma linguagem acessível para leigos⁴, apresentar, embora rapidamente, a história da música ocidental e revelar significados e significantes que podem ser relacionados a vários conceitos que se dirigem a esmiuçar o simbólico. Todavia, o contratempo surgiu quando se observou que dentro da

Musicologia existe um subcampo que trabalha com música popular, a Etnomusicologia, que se relaciona mais com a Antropologia do que com a historiografia e que ainda não é um campo científico vertical no Brasil. Por conta de preconceito, afirma Silvano Fernandes Baia, a música popular urbana nas ciências da música não tem recebido a devida atenção, muitas vezes tendo que recorrer a exames multidisciplinares para atingir algum resultado (BAIA, 2007). Com maiores detalhes, Silvano F. Baia esclarece sobre o uso das músicas como objeto de pesquisa que

Se este forte caráter polissêmico da música popular, especialmente da canção popular, foi determinante para torna-lo objeto de interesse para distintas áreas, concorreram para a resistência inicial das musicologias em tomar a música popular como objeto de estudo questões estéticas e ideológicas, a inadequação do instrumental teórico metodológico disponível, construído para o estudo de outros objetos, e aspecto histórico institucional (BAIA, 2007, p.6).

Tal quadro é bastante similar ao da pesquisa da música popular urbana que há muito está sendo delineado no campo da História. José Geraldo Vince de Moraes analisou e apresentou um panorama da situação da pesquisa da música nesse sentido, segundo o autor, a resistência de muitos historiadores em aceitar este objeto tem proporcionado dificuldades quanto ao incentivo, à qualidade dos trabalhos e no reconhecimento dos mesmos. Moraes ainda notou que desde os anos de 1970 houve um crescimento no número de estudos sobre o assunto com certo aumento de qualidade, só que a falta de especialistas, clarezas metodológicas – mesmo com o uso da Interdisciplinaridade – e novos temas conjugaram-se em um

⁴ Recentemente os textos de José Miguel Wisnik têm sido aproveitados como uma alternativa na tentativa de aprofundar nos estudos das músicas

populares brasileiras, tanto no campo da História por estudiosos como Marcos Napolitano (2005) e José G. V. de Moraes (2000) e na Antropologia por autores como Leonardo C. Campoy (2010).

grande obstáculo no Brasil (MORAES, 2000, pp.204-210). Mas esses problemas não foram sentidos apenas no Brasil, na Inglaterra também, onde

De certa forma, E. Hobsbawn, no seu interessante trabalho sobre história social do jazz (em que se escondeu sob o pseudônimo de Francis Newton por vários anos), identificou, no início dos anos 60, essa situação de descrédito acadêmico ao analisar as transformações da cultura e da música popular urbana no final do século XIX. Ele dizia que “a segunda metade do século XIX foi, em todo o mundo, um período revolucionário nas artes populares, embora este fato tenha passado despercebido daqueles observadores eruditos mais esnobes e ortodoxos” (MORAES, 2000, p.205).

As relações da História com a Interdisciplinaridade como uma abordagem teórico-metodológica têm sido trabalhadas na historiografia por uma gama de historiadores nacionais e estrangeiros desde os tempos da primeira geração da Escola de *Annales*, passando pelas crises das ciências humanas até a Nova História e seus usos e abusos da cultura como ferramenta para estudos históricos (REIS, 2000; BURKE, 1992, pp.7-37; REVEL, 2009).

É pelo método que se desenvolve a operação histórica, artificializa a natureza por meio da técnica, variável conforme a cultura, um reemprego coerente pela mudança de lugar e estatuto, variável conforme uma determinada época, pois a renovações na operação histórica ocorre na resolução de erros. Um dos problemas da prática histórica mais recente é o uso indiscriminado de modelos de outras ciências, o que pode levar a História a ser uma ‘ciência auxiliar’ colaborando na pesquisa pelo que falta (CERTEAU, 1995, pp.28-38).

Dedicando um livro para lidar

com a Interdisciplinaridade, ou seja, as correspondências entre a História e a Teoria Social, Peter Burke (BURKE, 2012) fez uma obra, relativamente breve ao mesmo tempo inquietante, na qual o autor coordenou uma averiguação focada nas possibilidades e problemas de tal relação, cujo foco é o melhor aproveitamento deste tipo de abordagem. Uma obra que levanta muito mais discussões e dúvidas que respostas. Porém, um fator que é nítido no texto de Burke é que todo conceito ocupa um lugar próprio no espaço-tempo, alguns podem ser reanimados em detrimento de outros, todos os modelos, métodos e teorias são falhos, incompletos e não consegue levar quem os usa a resultados sempre satisfatórios, o que seria humanamente impossível. O que ficou demonstrado é que cabe ao pesquisador a destreza de conforme o andamento de seu estudo fazer o constante trabalho de reavaliá-lo a fim de minimizar os erros e problemas e aumentar a coerência e eficácia teórico-metodológica, em especial no caso do recurso da interdisciplinaridade.

No projeto do autor, ficou estabelecido o uso da Interdisciplinaridade como uma abordagem, por onde pudesse empregar conceitos da Sociologia, *habitus* de Bourdieu, de modo que viesse a complementar as limitações dos conceitos retirados de Roger Chartier. O segundo problema surgiu quando se percebeu que o conceito de *habitus* opera em conjunto com os conceitos de capital e campo, o que tornou maior e mais complexo para se sustentar a premissa de complemento. Por outro lado, caso o uso da música pelo Sepultura for remanejado da ideia de *habitus* para capital pode vir a ser salutar, pois compreenderia um item que é qualificado pelo grupo que também se qualifica por ele dentro de um campo, que pode ser o artístico, que obedece a regras próprias e age em função da e pela posição e capital acumulado no interior do campo (BOURDIEU, 2010).

Esse projeto encaixou-se no que

passou a ser conhecido como “pós-moderno” ou “pós-modernismo” tanto no que foi proposto enquanto assunto, bem como abordagem, seguindo a linha de muitas pesquisas culturais e mesmo a linha historiográfica atual na tradição francesa que se inserem e buscam compreender a sociedade contemporânea. Neste quadro os historiadores têm contribuído muito pouco, até porque muitos ainda se apegam às longas durações e que suas creem que suas gerações foram melhores. A nova tendência está levando pouco a sério as estruturas tornando-se mais frouxa, fruto de desestabilização e descentralização, que tenta lançar uma História menos eurocêntrica, reformular as estruturas, só que “O que vemos é uma revivência do individualismo metodológico” (BURKE, 2012, pp.255-278; REIS, pp.112-188).

Portanto, ficou mais que evidente que os problemas, erros e dúvidas são constantes no projeto de Mestrado assim como o é na operação histórica porque faz parte do ofício do historiador. Às vezes sou meio catártico, mas também romântico, no entanto, o que não se deve é persistir na ingenuidade de que o que o pesquisador faz é ciência no final de tudo, ou partir para o outro extremo achando que nesse campo tudo é permitido, até mesmo focar em uma caixa, puramente Interdisciplinar, e fazer um trabalho individual levando a História a perder suas características e objetivos investigativos.

Considerações Finais

Através destas breves páginas foi possível compreender que a construção do conhecimento histórico é complexa e delicada, uma vez que a qualidade do ensino, dos materiais dispostos e do incentivo a criar pesquisadores cujo empenho seja de levantar dúvidas até mesmo sobre suas próprias pesquisas, em andamento ou já finalizada, e sobre as mesmas inquietações empenhar-se em esquadrihar soluções com fortes pilastras

teóricas, metodológicas e conceituais foram exercidos plenamente. Entretanto, o pesquisador deve constantemente aprofundar em discussões maiores e ampliar seu repertório de instrumentos de pesquisa, enfim, é uma responsabilidade contínua.

Verificou-se que um projeto de pesquisa não deve ser tomado por seu autor como finalizado em si mesmo, em consequência de que as dúvidas e as mudanças são sempre constantes, e a concepção de certezas e hipóteses no momento da escrita do projeto levanta a pergunta: qual a necessidade desta pesquisa, já que vem com a resposta? Sendo a curiosidade uma das peças que leva o historiador a buscar soluções aos enigmas, por que conduzir um exame do qual o resultado já é previsto?

No entanto, o interessante a ser levado em consideração é que não é interessante usar os conceitos como se fossem formas para então encaixar os objetos e as fontes ou que eles conduzem as pesquisas sempre pelo melhor modo possível. Ao contrário, são os conceitos que devem ser ajustados, complementados e até mesmo usados até certo ponto, uma vez que eles não têm em si mesmo todas as respostas, até porque a operação histórica não é exata como as ciências naturais. Os conceitos são ferramentas de pesquisa que contam com abstração e subjetividade, em nenhum momento o conceito caracterizou-se como preciso para se alcançar a verdade como foi pretendido pelas Escolas Positivista e Metódica, e sim é um recurso permite lançar interpretações próximas ao ‘real’.

Às vezes, pela quantidade de repetições, entende-se erroneamente que o anacronismo seja o maior empecilho que os historiadores e a prática historiográfica enfrentam no momento da produção do conhecimento histórico. Este é um problema, no entanto de modo algum é o único ou o maior deles.

Deve-se, acima de tudo, tem em

mente que a operação histórica é constante, pois as preocupações também o são, não só com o objeto, só que em relação a todos os mecanismos que colabora à pesquisa. O tempo dá a validade aos conceitos, e a medida que novos enigmas surgem também surgem novas perguntas, metodologias, modelos a fim de tentar resolvê-los, ou seja, gera uma 'crise'.

Referências

- BAIA, Silvano Fernandes. Estudos sobre Música Popular: considerações sobre a formação de um campo acadêmico. **Anais do XVII Congresso da ANPPOM**. São Paulo, 2007, 10p. Disponível em: http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_SFBaia.pdf. Acesso em: 03 agosto de 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- _____. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CAMPOY, Leonardo C. **Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.17-48.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. 11(5), p. 173-191, 1991.
- _____. Cultura Popular: revisando um conceito histórico. **Revista Estudos Históricos**. v.8, n.16, 1995, p.179-192.
- _____. **A História Cultural: entre prática e representações**. Alaves: Portugal, 2002, Difel.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: SP, EDUSC, 2001.
- KOROLENKO, Jason. **Relentless: 30 anos de Sepultura**. São Paulo: Benvirá, 2016.
- MORAES, J. G. V. de. História e música: a canção popular e o conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. A história além do papel. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p.235-289.
- _____. **História & Música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte : Autêntica, 2005.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REVEL, Jacques. **Proposições: ensaios de história e historiografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.